



Um vira-lata na Via Láctea: Christopher Dunn fala sobre Tom Zé

Fernanda Correa Silveira Galli (UFPE)
Editora Responsável

Ricardo Postal (UFPE)
Editor de Seção – Estudos Literários

Recebido em 27/04/2026.
Aprovado em 27/04/2026.

Como citar:
DUNN, Christopher. *Um vira-lata na Via Láctea*:
Christopher Dunn fala sobre Tom Zé.
[Entrevista cedida a] Tiago Hermano Breunig.
Revista Investigações, Recife, v. 39, n. 1,
e270323, 2026. DOI:
<https://doi.org/10.51359/2175-294x.2026.270323>

Christopher Dunn* 
Tiago Hermano Breunig** 

Resumo: Entrevista concedida por Christopher Dunn, em New Orleans, Estados Unidos, no dia 13 de abril de 2026. O professor do Department of Spanish and Portuguese da Tulane University fala a respeito de seu percurso como pesquisador de estudos brasileiros nos Estados Unidos, sua obra pregressa e o seu novo livro, dedicado ao compositor brasileiro Tom Zé.

Palavras-chave: Christopher Dunn. Tom Zé. Cultura brasileira. Estudos brasileiros.

* Tulane University. Professor do Department of Spanish and Portuguese da Tulane University. Doutor em Estudos Luso-Brasileiros pela Brown University. E-mail: cjdunn@tulane.edu.

** Universidade Federal de Pernambuco. Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE. Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pós-doutorando na Tulane University, com financiamento do CNPq. E-mail: thbreunig@gmail.com.



Doutor em Estudos Luso-Brasileiros pela Brown University, professor da Tulane University desde 1996, membro do Stone Center for Latin American Studies e diretor executivo da Brazilian Studies Association, Christopher Dunn é autor de *Brutality Garden: Tropicália and the Emergence of a Brazilian Counterculture* (2001) e *Contracultura: Alternative Arts and Social Transformation in Authoritarian Brazil* (2016), ambos publicados pela University of North Carolina Press. O primeiro se encontra traduzido e publicado no Brasil, pela Editora Unesp, sob o título *Brutalidade jardim: a Tropicália e o surgimento da contracultura brasileira*. Christopher Dunn é, ainda, coeditor, com Charles Perrone, de *Brazilian Popular Music and Globalization* (Routledge, 2001), e coeditor, com Idelber Avelar, de *Brazilian Popular Music and Citizenship* (Duke University Press, 2011). Neste ano, publicará seu terceiro livro, *Stray Dog in the Milky Way: The Experimental Brazilian Sound of Tom Zé*, pela University of North Carolina Press, nos Estados Unidos, e *Tom Zé: um vira-lata na Via Láctea*, pela Alameda Casa Editorial, no Brasil. O livro será lançado simultaneamente no Brasil e nos Estados Unidos em outubro deste ano, quando Tom Zé completa 90 anos. Gentil e generosamente, Christopher Dunn encontrou uma brecha em sua concorrida agenda para uma conversa sobre seu novo livro, seus livros anteriores, sua pesquisa sobre a cultura brasileira e os estudos brasileiros nos Estados Unidos. A entrevista foi realizada na Latin American Library and Research Center da Tulane University, em New Orleans, no dia 13 de abril de 2026.

Tiago Breunig – Em *Brutality Garden: Tropicália and the Emergence of a Brazilian Counterculture*, publicado em 2001, você dedica uma longa seção do livro ao percurso musical de Tom Zé, que você qualifica como um dos mais inovativos e incompreendidos do final do século XX, bem como o compositor brasileiro que, talvez, mais tenha contribuído para a dissolução das barreiras entre a música erudita e a popular¹. Dez anos depois, em seu ensaio “From Mr. Citizen to Defective Android: Tom Zé and Citizenship in Brazil”, publicado em 2011, você examina diacronicamente, como explica, a obra de Tom Zé, desde o

¹ DUNN, Christopher. *Brutality garden: Tropicália and the emergence of a Brazilian counterculture*. Chapel Hill; Londres: The University of North Carolina Press, 2001, p. 195-196.

² DUNN, Christopher. From Mr. Citizen to Defective Android: Tom Zé and Citizenship in Brazil. In: Avelar, Idelber; Dunn, Christopher (org.). *Brazilian Popular Music and Citizenship*. Durham; Londres: Duke University Press, 2011, p. 74-95.

³ DUNN, Christopher. *Contracultura: alternative arts and social transformation in authoritarian Brazil*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2016, p. 20.

primeiro disco, de 1968, ao disco de 2003². E cinco anos depois, você retoma brevemente Tom Zé em *Contracultura: Alternative Arts and Social Transformation in Authoritarian Brazil*, publicado em 2016, recordando a participação dele no movimento tropicalista³. Aos livros, somam-se, ainda, dois artigos sobre o compositor, um publicado em 2009 e outro em 2018. O que o atrai, como pesquisador, a Tom Zé?

Christopher Dunn – É uma pergunta bastante ampla. Conheci Tom Zé em 1992, portanto há mais de trinta anos. Na época, eu estava pesquisando a Tropicália para a minha tese, e o momento era particularmente interessante, pois depois de um longo período de relativo ostracismo, Tom Zé havia sido redescoberto por David Byrne, que lançou, em 1990, a coletânea *The Best of Tom Zé*. Esse lançamento teve um papel decisivo na retomada de sua carreira, abrindo novas oportunidades de apresentações no Brasil e no exterior. Pouco depois, em 1993, ele lançou *The Hips of Tradition: The Return of Tom Zé*, que significou a retomada de sua carreira depois de anos.

Então, para início de conversa, me fascinou essa trajetória de um integrante da Tropicália que havia sido, de certo modo, esquecido, e que, naquele momento, estava voltando à cena. Naquele encontro, ele me concedeu uma longa entrevista, posteriormente publicada, que foi extremamente rica para mim. Foi uma aula, uma lição. Embora o foco fosse a Tropicália, ele falou sobre muitos outros temas, como Irará, o sertão nas décadas de 1940 e 1950, a vida durante a ditadura. Ele gostava de dizer que Irará era uma cidade “pré-gutenberguiana”, marcada por uma cultura oral, apartada da cultura letrada. Tudo isso me chamou muito a atenção. Tanto que brinco, na introdução do livro que será publicado este ano, que ele é, em grande medida, uma tentativa de compreender aquela entrevista de 1992.

Diria, então, que o primeiro elemento que me atrai em Tom Zé é justamente essa trajetória singular. Diferentemente de outros tropicalistas, que tendem a enfatizar a dimensão moderna em suas obras, ele assume e valoriza sua formação em um contexto que associa a um passado quase “medieval”. Como se fosse um viajante do tempo, entre Irará, ligada a um

passado remoto, e a modernidade que encontra ao chegar a Salvador. Essa disjunção temporal não aparece na obra de Caetano Veloso ou de Gilberto Gil, mas é central em Tom Zé.

Além disso, há o humor. Ele tem um senso satírico muito particular, mais acentuado do que em outros tropicalistas. Embora o humor também esteja presente na Tropicália de modo geral, em Tom Zé ele é mais explícito, mais constante, e frequentemente articulado a um olhar crítico sobre a sociedade brasileira. No livro que acabei de concluir, por exemplo, há um capítulo dedicado à questão da cidadania em sua obra, analisando diferentes momentos em que ele aborda o lugar do cidadão no Brasil.

Por fim, eu destacaria seu experimentalismo. O que me interessa particularmente é a capacidade de articular uma linguagem experimental com a popular. Ou seja, sua obra não é difícil, e tem músicas carnavalescas, por exemplo. Tanto que existe um bloco em São Paulo chamado “Abacaxi de Irará”, cujo nome vem de uma de suas músicas e cujo repertório é todo dele. Há, portanto, uma amplitude em sua produção, que vai da vanguarda ou experimental a formas absolutamente populares. Essa seria, talvez, uma primeira maneira de explicar o que tanto me atrai em Tom Zé.

Tiago Breunig – Nesses 35 anos da obra de Tom Zé analisada nos trabalhos mencionados antes, você discute aspectos formais e, sobretudo, as letras de Tom Zé, abordando, entre outros temas, o capitalismo, o consumismo, a tradição, a cultura de massas, a identidade nacional e a globalização neoliberal. O que o leitor familiarizado com o trabalho de Chris Dunn pode esperar do novo livro *Stray Dog in the Milky Way: The Experimental Brazilian Sound of Tom Zé*?

Christopher Dunn – Posso explicar a estrutura do livro. O primeiro capítulo é dedicado a Irará e, de forma mais ampla, ao sertão. O que me interessa ali é a formação de Tom Zé e, sobretudo, a maneira como ele projeta sua persona artística a partir de Irará. Embora ele não more em Irará desde 1960 – ele muda para Salvador e vive em São Paulo desde 1968 —, a cidade permanece central

para sua identidade, mais do que Santo Amaro para Caetano Veloso ou Ituaçu para Gilberto Gil.

Nesse capítulo, analiso tanto músicas compostas ainda em Irará quanto outras, posteriores, que retomam essa referência. Um exemplo é “A Lavagem da Igreja de Irará”, do álbum *Correio da Estação do Brás*, do fim dos anos 1970, que trata da principal festa da cidade. Curiosamente, essa é até hoje a música mais conhecida dele em Irará, onde, de modo geral, sua obra não é muito conhecida, ou o consideram meio maluco. Ao final do capítulo, discuto “O Xique-Xique”, parceria com José Miguel Wisnik, originalmente composta para uma coreografia do grupo Corpo. Considero ela uma composição bastante sofisticada, híbrida, que combina elementos populares e eruditos e funciona quase como uma alegoria do sertão.

O segundo capítulo se concentra em Salvador. Ali, procuro mostrar a tríplice formação de Tom Zé: o contato com o meio intelectual e artístico de esquerda, especialmente no CPC da UNE, onde trabalhou com José Carlos Capinan; a formação na Escola de Música da UFBA, marcada por uma orientação mais experimental, com figuras como H. J. Koellreutter, Ernst Widmer e Walter Smetak; e, por fim, sua inserção na cena da música popular, ao lado de nomes como Caetano, Gil, Maria Bethânia e Gal Costa.

É também nesse momento que aparece uma característica importante: essa dupla atuação entre a música erudita e a música popular. Ele participou de projetos como *Arena Canta Bahia*, de Augusto Boal, com as canções “São Benedito” e “Maria Colégio da Bahia”, inspiradas em cantoria e, em menor medida, bossa nova. Ele não tem a sensibilidade bossa novista de Caetano e Gil, em parte por não ser um instrumentista virtuoso, mas, de certo modo, sempre trabalhou a partir dessas limitações. O capítulo se encerra quando ele decide se dedicar integralmente à música popular e se muda para São Paulo com os tropicalistas.

O terceiro capítulo trata da fase tropicalista e pós-tropicalista. Analiso seu primeiro disco, que é, essencialmente, um registro do encontro com São Paulo. Isso me interessa bastante, porque, ao contrário de Caetano e

Gil, cujas canções desse período se voltam mais para Salvador e Rio de Janeiro, Tom Zé se concentra em São Paulo.

Ao final desse capítulo, abordo a produção pós-tropicalista, os discos dos anos 1970, 1972 e 1973, em que ele desenvolve o que chamo de uma abordagem “antropomórfica” da cidade. São Paulo aparece como se fosse um corpo ou uma entidade viva. “Augusta, Angélica e Consolação” é um exemplo disso, mas há outras, menos conhecidas, como “Guindaste a Rigor” ou “A Briga do Edifício Itália com o Hilton Hotel”, em que elementos urbanos ganham características humanas. Nesse ponto, discuto de forma mais ampla a importância de São Paulo em sua obra, inclusive em contraste com outros tropicalistas que, após o exílio, retornam ao eixo Rio-Bahia, mais associado à contracultura, ao movimento hippie, à cena, enfim, que trato no meu segundo livro. Tom Zé, por sua vez, permanece em São Paulo, em contato, por exemplo, com os poetas concretos.

A partir daí, o livro se afasta de uma linha cronológica, que caracteriza os primeiros capítulos. O quarto capítulo é dedicado à questão da cidadania ao longo da obra de Tom Zé.

Tiago Breunig – Na linha do seu ensaio em *Brazilian Popular Music and Citizenship*?

Christopher Dunn – Exatamente, mas de forma muito mais desenvolvida. Em seguida, em um capítulo intitulado “Tickling Traditions” ou “Fazendo cócegas nas tradições”, que eu publiquei como artigo, tento discutir, ainda que com alguma cautela, pois não sou musicólogo, suas inovações formais e musicais. Trabalho especialmente com a ideia de disjunção, o contraste frequente entre forma e conteúdo, que explorei naquele artigo.

Os dois últimos capítulos tratam de temas mais específicos. Um deles é dedicado a gênero e sexualidade, um tópico que demorei a abordar, mas que acabou se revelando particularmente interessante, até porque ainda é pouco explorado na bibliografia sobre Tom Zé. Discuto, por exemplo, o álbum *Canções eróticas de ninar* e a maneira como ele trata a educação sexual. Não

apenas o desejo ou as relações amorosas, temas mais comuns na canção popular, mas a formação do sujeito, a educação sexual, tema raro na música popular. Além disso, analiso como ele constrói, em suas letras, uma figura masculina frequentemente insegura, desajeitada, distante de um ideal patriarcal mais convencional, e que eu defino como *hapless*.

Por fim, o último capítulo é dedicado aos discos mais recentes, especialmente aqueles de caráter conceitual, como *Tropicália lixo lógico* e *Língua brasileira*. No primeiro, ele propõe uma interpretação bastante original da Tropicália como resultado de um embate de civilizações ou matrizes culturais. De um lado, uma tradição oral nordestina, que ele associa, de maneira um tanto especulativa, à herança moçárabe. E de outro, uma tradição letrada, que ele caracteriza como aristotélica, ou seja, ocidental. Essa tensão, segundo ele, permaneceria uma contradição não resolvida, depositada no hipotálamo e que, depois, nos anos 60, com o encontro com São Paulo, seria liberada para o córtex. Foi o gatilho disparador que liberou o que ele chama de lixo lógico que produz a Tropicália. Então, é uma teoria muito curiosa, mas fantasiosa.

Quanto à herança moçárabe, existe uma tradição luso-brasileira, que chamo “moçarabismo”, que atribui aos moçárabes um papel formador. No caso português, um exemplo é Teófilo Braga, autor de *A Epopeia da Raça Moçárabe*, em que os moçárabes aparecem como fundamento da cultura portuguesa. No caso brasileiro, essa perspectiva aparece, por exemplo, em Gilberto Freyre, que também discute a influência moçárabe na formação cultural do país. Outro autor relevante, nesse horizonte mais amplo de referências mobilizadas por Tom Zé, é Euclides da Cunha. Embora Euclides não trate diretamente dos moçárabes, suas reflexões sobre a Reconquista e o Sebastianismo dialogam com esse imaginário histórico que, de diferentes maneiras, acaba sendo incorporado à elaboração teórica de Tom Zé.

Já em *Língua Brasileira*, ele amplia esse horizonte, incorporando, pela primeira vez, reflexões sobre a colonização no que diz respeito a matrizes indígenas e africanas.

Um ponto que me chamou atenção mais recentemente é como esses discos se relacionam com momentos distintos da história recente do Brasil. *Tropicália lixo lógico*, lançado em 2012, parece dialogar com um período de maior otimismo no Brasil, enquanto *Língua brasileira*, produzido em um contexto mais recente, reflete um sentimento de desilusão.

Tiago Breunig – Em seus dois livros autorais previamente publicados, os seus objetos de estudo foram coletivos. Os tropicalistas, no livro de 2001, e a contracultura brasileira durante o regime militar, no livro de 2016. Estamos prestes a ver, portanto, o seu primeiro livro dedicado exclusivamente a uma personalidade ou artista. Que seja justamente um artista tão singular, tão particular quanto Tom Zé, em claro contraste com a abordagem dos livros anteriores, é um acaso?

Christopher Dunn – Não. Desde o meu projeto sobre a Tropicália, eu já sabia que, em algum momento, acabaria escrevendo sobre Tom Zé. Houve um momento em que precisei decidir entre trabalhar com a contracultura ou com ele, e, estrategicamente, optei por começar pela contracultura e deixar Tom Zé para depois. Hoje, tenho a impressão de que foi a decisão correta.

Se eu tivesse escrito esse livro dez ou quinze anos atrás, ele certamente não teria a mesma abrangência. Ao longo desse tempo, Tom Zé, que vai completar noventa anos de idade, continuou produzindo, o que acabou enriquecendo bastante o escopo do livro. Além disso, senti que precisava de maturação. Os temas que ele aborda são tão variados que exigem um tempo maior de elaboração.

Há algo de paradoxal, pois, à primeira vista, pode parecer mais simples escrever sobre uma personalidade do que sobre todo um movimento, mas, quando se trata de alguém com uma trajetória tão diversa como Tom Zé, isso não necessariamente se confirma. Em muitos sentidos, o trabalho acaba sendo tão complexo quanto, se não mais.

Portanto, não foi acaso, mas também não poderia ter sido antes. O fato de ter acompanhado a trajetória dele por tanto tempo foi fundamental. Hoje,

tenho a sensação de que se trata de um trabalho mais maduro, talvez o mais maduro que realizei até agora.

Tiago Breunig – Podemos dizer que o seu trabalho representa uma contribuição para afastar de Tom Zé a atribuição de “maldito” da MPB, de que ele mesmo afirma não gostar?

Christopher Dunn – Sim, eu gostaria que sim. Há muitos artigos acadêmicos e textos de jornal sobre Tom Zé, mas ainda poucos livros. Existe uma biografia muito boa, *Tom Zé: o último tropicalista*, escrita pelo italiano Pietro Scaramuzza, que foi o primeiro livro dedicado a ele, e mais recentemente saiu *Tom Zé: fiz meu berço na viração*, de Ivo Mineiro Teixeira, que propõe uma abordagem mais filosófica.

De todo modo, é meu interesse contribuir para ampliar a atenção a Tom Zé. Não que ele tenha sido ignorado, mas acredito que ele merece ainda mais atenção. Para mim, é importante publicar tanto nos Estados Unidos, onde há um público interessado, mas pouca bibliografia disponível, quanto no Brasil, onde, além desses livros, há relativamente pouco material de circulação mais ampla.

Claro que existem teses e dissertações, mas sabemos que esse tipo de produção nem sempre alcança um público maior. Por isso, quis escrever não uma biografia, mas um estudo mais abrangente sobre a obra dele. E espero, sinceramente, que outros trabalhos venham a surgir. Em especial, sinto falta de estudos mais aprofundados do ponto de vista musicológico. A minha abordagem é mais voltada aos estudos culturais e literários, o que inevitavelmente traz certos limites. Curiosamente, a maior parte dos pesquisadores que escreve sobre Tom Zé são da área de Letras e, em alguns casos, Ciências Sociais. Pelo que sei, ainda são poucos os trabalhos desenvolvidos por especialistas em Música.

Tiago Breunig – Em seu trabalho, ao lado da pesquisa de bibliografias e de arquivos, depoimentos e entrevistas desempenham um papel relevante. E

abrangem uma longa lista de nomes ilustres de artistas e pesquisadores brasileiros, alguns dos quais não poderiam mais ser entrevistados. Poderia falar um pouco sobre esses encontros?

Christopher Dunn – Ah, essa é uma pergunta interessante, e você tem razão. Desde a minha pesquisa sobre a Tropicália, tive a sorte de encontrar e conversar com muitas pessoas, algumas das quais, como você observou, já não estão mais conosco. E sempre fui muito grato pela generosidade com que me receberam.

Tive a oportunidade de conhecer e entrevistar Tom Zé, Gilberto Gil e Caetano Veloso, ainda em 1992. No caso de Tom Zé, acabamos nos aproximando bastante. Na mesma época, conheci também Zé Celso Martinez Corrêa, com quem mantive uma relação de amizade até o fim de sua vida, que foi, infelizmente, trágico. Foi por intermédio, não me recordo exatamente se dele ou de Tom Zé, que conheci José Miguel Wisnik, outro grande artista e intelectual. Ainda nesse primeiro momento da minha pesquisa, entrevistei Gilberto Mendes.

Mais tarde, durante o trabalho para o segundo livro, conheci Jorge Mautner, Jards Macalé e Waly Salomão, todos entrevistados nesse período. No caso de Waly Salomão, foi a última entrevista que ele concedeu. Na época, ele ocupava o cargo de Secretário Nacional do Livro e da Leitura, no Ministério da Cultura durante a gestão de Gilberto Gil. Nos encontramos no dia 5 de abril de 2003, em uma pizzaria, e ele me deu uma entrevista maravilhosa. Pouco depois, viajou para Paris e, nessa viagem, descobriu que estava com câncer no estômago. Faleceu poucas semanas depois. Foi tudo muito rápido, portanto. Hoje, mantenho amizade com seu filho, o poeta e artista plástico Omar Salomão. Também convivi bastante com Luiz Carlos Maciel, conhecido como o guru da contracultura no Brasil, e que também já faleceu. Além disso, entrevistei Luiz Melodia, alguns integrantes dos Novos Baianos e também artistas plásticos ligados àquele contexto.

De modo geral, me marcou a generosidade dessas pessoas. Todas me receberam com grande abertura, o que foi fundamental para o desenvolvimento do meu trabalho.

Tiago Breunig – Você relata o seu contato com a música brasileira, em 1985, por intermédio de Peter Blasenheim, seu professor no Colorado College, e a forte impressão deixada pelo disco *Tropicália, ou panis et circenses*. Tão forte que renderia a sua tese de doutorado, orientada por Nelson H. Vieira, na Brown University. E você reconhece, ainda, a contribuição de outros dois professores da Brown University, o brasileiro Luiz Fernando Valente e o brasilianista Thomas E. Skidmore. Em seu trabalho, transparece a atenção constante ao problema do discurso falacioso da democracia racial no Brasil e a participação dos EUA no Golpe Militar de 1964, dois fatos para cuja publicização Skidmore, como historiador, teve um papel fundamental. Você poderia falar mais sobre o seu interesse pela cultura brasileira, o papel desses professores e sua formação em estudos brasileiros nos EUA?

Christopher Dunn – Claro. Quando fui aluno de Peter, eu era um jovem de 20 anos. O que inicialmente me atraiu foi a música brasileira, a sonoridade da língua portuguesa e a culinária. Ele era um excelente cozinheiro, preparava feijoadas, caipirinhas... Mais tarde, fui para a Brown University, que já era reconhecida por seu programa de estudos brasileiros. Havia vários brasilianistas importantes, entre eles Skidmore, provavelmente o mais conhecido, e todos contribuíram de alguma forma para a minha formação. Peter, por sua vez, era historiador do século XIX, especialista em Minas Gerais. Embora sua área, história regional, não me atraísse muito, ele me marcou como professor. Era uma pessoa extremamente amável. Faleceu no ano passado. Dediquei a ele, inclusive, meu livro sobre Tom Zé. Curiosamente, ele não conhecia muito bem a obra de Tom Zé. Seu gosto musical se inclinava mais para nomes como Elis Regina, João Gilberto e Chico Buarque, ou seja, uma vertente *mainstream* da MPB, mas ainda assim teve um impacto decisivo na minha formação inicial.

Na Brown, além do Skidmore, tive contato com Nelson e Luiz Fernando Valente, com quem conheci pela primeira vez o modernismo brasileiro. Oswald de Andrade, por exemplo, era até então desconhecido para mim. Esse contato foi fundamental. Também tive aulas com um professor ganês, Anani Dzidzienyo, cuja perspectiva, nos estudos brasileiros, sobre relações raciais e democracia racial, articulada a partir de uma perspectiva africana, foi extremamente enriquecedora.

Anos depois, tive a oportunidade de levar Tom Zé à Brown. Antes da pandemia, fomos convidados para um evento na NYU, em Nova York, em formato de entrevista pública. Aproveitei a ocasião para levá-lo também à Brown, já que a viagem de carro é relativamente curta. Ele conheceu alguns dos meus antigos professores, o que foi muito interessante.

Refletindo sobre esse percurso, percebo como foi fundamental ter me formado em um ambiente em que não havia especialistas em Tropicália ou contracultura. Muito pelo contrário. Skidmore, por exemplo, era um grande intelectual, mas seus temas eram mais convencionais. Ele costumava dizer que eu era “muito tropical”. Ele não tinha familiaridade com o tropicalismo, mas gostava, e participou da minha banca. Nesse sentido, considero que tive muita sorte em trabalhar com pessoas que, embora não fossem especialistas no meu tema, me apoiaram e se interessaram pelo que eu fazia. Pessoalmente, acho isso mais estimulante. Tenho, inclusive, certa reserva quando alunos chegam decididos a trabalhar com Tropicália, por exemplo. Acho mais produtivo trabalhar com um objeto diferente do objeto do orientador, o que torna o processo mais interessante e enriquecedor.

Tiago Breunig – Na esteira da pergunta anterior, enquanto um pesquisador estadunidense que se dedica ao estudo da cultura brasileira, como percebe, no passado e no presente, a distinção com os Estados Unidos que serviu de fundamento para a elaboração do discurso da harmonia racial no Brasil? Penso, evidentemente, em perspectivas como a de Paulo Prado, em *Retrato do Brasil*, de 1928, em que lemos: “A hiperestesia sexual, que vimos no correr deste ensaio ser traço tão peculiar ao desenvolvimento étnico da nossa terra,

⁴ PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. 2. ed. São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, 1981, p. 135-136.

evitou a segregação do elemento africano, como se deu nos Estados Unidos dominados pelos preconceitos das antipatias raciais. Aqui a luxúria e o desleixo social aproximaram e reuniram as raças”. E a seguir: “O nosso problema é, pois, diferente do norte-americano, que é complexo pelo conflito racial que aqui não existe e pelas dificuldades econômicas e políticas, sem solução nos Estados Unidos, a não ser pelo extermínio de um dos adversários” – solução, a propósito, que parece ter sido ensaiada por Monteiro Lobato, em 1926, em *O presidente negro*. “Entre nós, a mescla se fez aos poucos, diluindo-se suavemente pela mestiçagem sem rebuço”, conclui Paulo Prado⁴. Sabidamente, a mesma comparação incentivou a perspectiva de Gilberto Freyre, cristalizada, poucos anos depois, no clássico *Casa Grande & Senzala*, de 1933, desdobramento de sua tese *Social life in Brazil in the Middle of the 19th century*, apresentada, em 1922, na Columbia University. Motivado pelo tema da miscigenação e pelo contraste com os Estados Unidos, Gilberto Freyre conclui, como Paulo Prado, pela harmonia racial no Brasil.

Christopher Dunn – Eu faço parte de uma geração que se formou no contexto de consolidação na academia, tanto dos Estados Unidos quanto do Brasil, da crítica à tese da democracia racial. Durante a minha graduação, esse tema ainda era pouco discutido, mas, na pós-graduação, especialmente trabalhando com Thomas Skidmore, com Anani Dzidzienyo e pesquisadores no Brasil, a crítica à ideia de democracia racial se ampliou.

Claro que essa crítica não era nova, mas para a minha geração, ela se generalizou de maneira mais sistemática na academia sobretudo a partir dos anos 1990. Esse movimento também se relaciona com o período pós-ditadura. Durante a ditadura, esse tipo de debate era proibido, embora houvesse precursores como Abdias do Nascimento, Lélia González, Carlos Hasenbalg, entre outros. A partir da redemocratização, há uma expansão significativa dessas discussões, acompanhada também por reações. Em alguns casos, surge uma tentativa de dissociar a crítica à democracia racial de uma valorização mais ampla da mestiçagem como traço constitutivo da sociedade brasileira.

Há aí uma nuance importante. A ideia de democracia racial foi muitas vezes associada a uma leitura específica de Gilberto Freyre, ainda que ele não utilizasse esse conceito nos mesmos termos desde o início, e acabou sendo instrumentalizada em certos momentos, inclusive durante a ditadura. Isso levou a uma rejeição mais ampla do conceito. Ao mesmo tempo, alguns autores e artistas buscaram preservar a noção de mestiçagem como um elemento positivo da experiência brasileira.

Isso aparece, por exemplo, em artistas ligados à Tropicália. Caetano Veloso, em particular, assume explicitamente essa identidade mestiça, e o próprio Gilberto Gil, em seu discurso como ministro da Cultura, também enfatiza o Brasil como um país mestiço. Em si, não vejo problema nisso. Trata-se de um dado histórico e cultural que pode, inclusive, ser valorizado pelas experiências que produz.

A questão se torna problemática quando essa valorização é mobilizada para negar a persistência do racismo e da violência antinegra. É fundamental reconhecer que as duas coisas coexistem. O Brasil pode ser, ao mesmo tempo, um país marcado pela mestiçagem e profundamente atravessado por desigualdades raciais. Não se trata de escolher entre uma ou outra interpretação, mas de sustentar essa tensão.

Em comparação com os Estados Unidos, minha percepção também mudou ao longo do tempo. Nos anos 1990, e sobretudo durante o período de Barack Obama, havia aqui uma forte afirmação de identidades raciais, especialmente da identidade negra, associada ao movimento dos direitos civis. Isso parecia, de certo modo, uma vantagem em termos de consciência racial, sobretudo quando comparado ao Brasil daquele momento, onde essa consciência seria menos disseminada e, conseqüentemente, um obstáculo a avanços.

Hoje, eu vejo essa questão de forma mais complexa. No Brasil, apesar de ainda persistir a negação do racismo, houve avanços importantes, como a implementação de políticas de ação afirmativa, inclusive reconhecidas institucionalmente.

Por outro lado, nos Estados Unidos, temos assistido recentemente a um recrudescimento de discursos racistas escancarados, apoiando francamente a noção de supremacia branca. Andamos para trás. Por isso, me sinto, sinceramente, mais otimista em relação ao Brasil. Ao mesmo tempo, não posso ignorar casos como a chacina no Rio de Janeiro, na qual mais de 120 pessoas, em sua maioria negras, são mortas sem que esses casos sejam reconhecidos como formas de violência racial.

Diante disso, tenho a impressão de que a comparação entre os dois países é produtiva, mas não no sentido de estabelecer hierarquias simples. Ambos têm trajetórias históricas muito distintas, e enfrentam, cada um à sua maneira, problemas profundos relacionados à questão racial.

Tiago Breunig – Em *Contracultura: Alternative Arts and Social Transformation in Authoritarian Brazil*, você acrescenta um outro fato presente na cultura brasileira, e que não se dissocia inteiramente, e talvez estruturalmente, dos outros dois mencionados na pergunta anterior, como se pode depreender desta passagem: “O regime militar apoiado pelos Estados Unidos, que chegou ao poder em 1964, via a luta contra o comunismo como parte de uma missão mais ampla de salvaguardar a civilização cristã, a moralidade tradicional e os valores da família tradicional.”⁵ O legado dos Estados Unidos do anticomunismo seguido, como forma de combater a Teologia da Libertação, pela disseminação de um neopentecostalismo neoliberal com premissões políticas, continua fazendo estragos no Brasil. Mas me refiro ao tema do autoritarismo patriarcal e da masculinidade que você desdobra daquela passagem do livro ainda sem tradução no Brasil, e que dialoga com a construção da figura masculina nas canções de Tom Zé que você analisa. Poderia falar a respeito de sua percepção desse problema em um país que vergonhosamente ocupa os primeiros lugares nos rankings mundiais de violência contra a população LGBTQIA+ e contra as mulheres?

Christopher Dunn – Sim, há certamente pessoas mais qualificadas do que eu para responder a essa questão, mas o Brasil, em muitos aspectos, vive essas

⁵ DUNN, 2016, p. 178, tradução nossa. No original: “The U.S.-backed military regime that came to power in 1964 saw the struggle against communism as part of a larger mission to safeguard Christian civilization, traditional morality, and conventional family values.”.

contradições. É um país em que, por exemplo, existe uma grande sociabilidade entre pessoas de diferentes raças. Não se observa, de modo geral, uma segregação espacial tão marcada nos espaços públicos. Ao mesmo tempo, porém, apresenta índices elevados de violência contra as populações negra e indígena.

Algo semelhante ocorre em relação às questões de gênero e sexualidade. Por um lado, há espaços significativos de liberdade, como a Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo, por exemplo, que é a maior do mundo, e existem, principalmente nas grandes cidades, ambientes bastante acolhedores para essas comunidades. O país, inclusive, projeta internacionalmente uma imagem de abertura que o torna um destino importante para o turismo LGBTQ+.

Por outro lado, persiste um nível preocupante de violência contra esses mesmos grupos. Ou seja, trata-se de uma dinâmica marcada por uma tensão constante entre, de um lado, espaços de relativa liberdade e expressão e, de outro, formas de repressão que têm raízes profundas em um legado patriarcal.

Tiago Breunig – Para concluir, na condição de pesquisador da cultura brasileira desde fins dos anos 1980, professor da Tulane University por trinta anos trabalhando com a cultura brasileira a partir de uma abordagem interdisciplinar que envolve literatura, artes plásticas, cinema e, principalmente, música brasileira, e diretor executivo da Brazilian Studies Association (BRASA), qual o seu prognóstico dos estudos brasileiros nos Estados Unidos hoje? E para o futuro?

Christopher Dunn – Eu acho que sempre haverá um grande interesse. Em termos de estudos brasileiros, a tendência é de crescimento. A BRASA, por exemplo, está em plena expansão, e há um diálogo cada vez maior entre estudantes e professores no Brasil e nos Estados Unidos. Na BRASA, costumo usar mais a distinção entre *Brazil-based* e *non-Brazil-based* do que simplesmente “brasileiros” e “americanos”, porque há muitos brasileiros que vivem e

trabalham aqui, assim como professores norte-americanos que desenvolvem suas carreiras no Brasil, embora o movimento inverso seja bem mais comum.

De todo modo, acredito que a área tende a crescer bastante. O Brasil oferece uma enorme variedade de temas de interesse. Quem se dedica, por exemplo, à música de vanguarda ou à literatura experimental, encontrará um campo extremamente rico, com um modernismo muito singular. O *Manifesto Antropófago*, por exemplo, sempre fascina a todos. O mesmo vale para a música popular brasileira, as artes plásticas etc. Nesse sentido, trata-se de um universo extremamente atraente para estudantes e pesquisadores nos Estados Unidos.

Ao mesmo tempo, para quem se interessa por temas relacionados e questões raciais e lutas por direitos civis, o Brasil é um campo extremamente fértil. O mesmo vale para a questão indígena e para a questão ambiental. Ou seja, praticamente qualquer área de interesse acadêmico encontra no Brasil um objeto relevante para o estudante estadunidense. O país pode tanto atrair pela beleza de sua arte e de sua cultura, quanto por questões mais urgentes e problemáticas, como o racismo ou a devastação ambiental.

Acredito, portanto, que os estudos brasileiros continuarão crescendo nos Estados Unidos. O que me preocupa, no entanto, é uma possível retração na área das humanidades. Tenho a impressão de que o crescimento maior tende a ocorrer nas ciências sociais, enquanto as ciências humanas sofrem por falta de apoio institucional. E cada vez mais, os estudantes estão preocupados com empregabilidade e com formações mais voltadas para o mercado de trabalho. Isso significa, por exemplo, menos estudantes de português.

Nesse sentido, me parece haver uma crise nas humanidades. Mas, no caso do Brasil, o interesse continua forte e, ao que tudo indica, continuará.

REFERÊNCIAS

DUNN, Christopher. **Brutality garden**: Tropicália and the emergence of a Brazilian counterculture. Chapel Hill; Londres: The University of North Carolina Press, 2001.

DUNN, Christopher. **Contracultura**: alternative arts and social transformation in authoritarian Brazil. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2016.

DUNN, Christopher. From Mr. Citizen to Defective Android: Tom Zé and Citizenship in Brazil. In: Avelar, Idelber; Dunn, Christopher (org.). **Brazilian Popular Music and Citizenship**. Durham; Londres: Duke University Press, 2011, p. 74-95.

PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil**: ensaio sobre a tristeza brasileira. 2. ed. São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, 1981.

Stray Dog in the Milky Way: Christopher Dunn on Tom Zé

Abstract: Interview with Christopher Dunn in New Orleans, USA, on April 13, 2026. The professor in the Department of Spanish and Portuguese at Tulane University reflects on his career as a scholar of Brazilian studies in the United States, his previous work, and his new book on the Brazilian composer Tom Zé.

Keywords: Christopher Dunn. Tom Zé. Brazilian culture. Brazilian Studies.

Un perro callejero en la Vía Láctea: Christopher Dunn habla sobre Tom Zé

Resumen: Entrevista concedida por Christopher Dunn en Nueva Orleans, Estados Unidos, el 13 de abril de 2026. El profesor del Department of Spanish and Portuguese de la Tulane University reflexiona sobre su trayectoria como investigador de estudios brasileños en los Estados Unidos, su obra previa y su nuevo libro, dedicado al compositor brasileño Tom Zé.

Palabras clave: Christopher Dunn. Tom Zé. Cultura brasileña. Estudios brasileños.